

SOBRE O GROTESCO: ANTIGUIDADE E ATUALIDADE

RAFAEL EVANGELISTA DE SOUSA¹;
CAROLINE LEAL BONILHA³

¹Rafael Evangelista de Sousa – rafaelbarbasousa@gmail.com

³Caroline Leal Bonilha – bonilhacaroline@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este ensaio está no âmbito da pesquisa em poéticas visuais, na qual pretendo aprofundar meu exame sobre a questão do grotesco, na perspectiva de uma categoria estética da arte e cultura, dando especial atenção à sua presença nas artes visuais. Pretendo analisar, a partir da minha produção artística e teórica, a tensão na fronteira entre o humano e o animal, entre corpo natural e corpo cultural e como esta distinção é negada ou assumida. E compreender como isso influencia na concepção de um *gosto de época* ou se o mesmo ainda é possível. E ainda, pesquisar a oposição e a complementaridade entre os gêneros estéticos, com abordagem do fenômeno expresso, também, na escultura, literatura, cinema, televisão e redes sociais.

Grotesca é uma série de 15 pinturas realizadas entre 2017 e 2019. Foram, parcialmente, apresentadas como trabalho final de graduação, em 2018. Em 2020, ocorreu uma mostra individual, no formato de catálogo virtual, na qual foi apresentado um conjunto de treze obras. No mesmo ano, foi ministrado curso livre online sobre a pesquisa. Além disso, existem cerca de 15 fotomontagens e alguns desenhos, que são os modelos para essas pinturas. Atualmente, tenho trabalhado em desdobramentos desses trabalhos, tendo como referência a 1^ª idéia de grotesco médico. Imagens cirúrgicas e manuais de anatomia do corpo humano e de outros animais, assim como imagens de obras de arte que retratam o tema, são influências para as recentes pinturas e esculturas, que já se converteram em duas outras séries de produções, intituladas *Ossuário* e *Hematomas*.

Na teoria, considero que a escrita decorrente da produção artística foi iniciada com a pesquisa sobre a *Domus Aurea*, palácio romano construído durante o império de Nero, em especial sobre as pinturas e esculturas encontradas durante explorações de suas ruínas, em meados do século XV. Descritas como *groteschi* essas imagens influenciaram diversos artistas do Renascimento. É o caso de Leonardo Da Vinci (1452-1519) com seus desenhos de *Cabeças Grotescas*, realizados por volta de 1502 e, especialmente, Hieronymus Bosch (1450-1516?) com obras menos convencionais que misturam criaturas demoníacas, seres monstruosos e paisagens sobrenaturais. E continuaram a inquietar artistas posteriores, como ficou evidente na obra do pintor e gravador espanhol Francisco de Goya (1746-1828) em suas séries de gravuras *Caprichos*, 1799, *Desastres da Guerra* de 1810-1814 e nas suas *Pinturas Negras*. As vanguardas artísticas do século XX, sobretudo no simbolismo e surrealismo, influenciam-se pelo grotesco nas suas representações do sonho, da loucura ou da morte. Voltando-se radicalmente contra a idéia tradicional do belo, que lhes parecia artificial, ingênua e ultrapassada.

Grotesco, do italiano *grotta*, quer dizer gruta, caverna. *Atelier-caverna*, logradouro paleolítico superior, primeira morada e atelier da humanidade. Lugar de penumbra, de imersão na pintura para desvendar e trazer à luz formas e seres

imaginários, metáfora e idéia para a minha prática pictórica. Pintura densa, óleo misturado à cera, que permite profundidade e volume, fazendo as figuras se confundirem com o fundo escuro. Matéria pictórica e imagem fundem-se no quadro: *imagem-tinta*. Pintura essa que, assim como toda pintura, investe na imaginação como linguagem crítica da realidade e da concepção estandardizada do corpo na cultura. Na mesma trilha, estão algumas esculturas que tenho feito. Nelas o caráter abjeto parece estar mais evidente, por serem mais palpáveis as texturas, erosões, deformações em seus corpos.

Certo “barroquismo” atravessa minha figuração, com desproporções e excessos presentes nos corpos representados. O intelectual russo Mikhail Bakhtin, em seu livro, *A cultura popular na Idade Média e Renascimento: O contexto de François Rabelais* considera que “o exagero, o hiperbolismo, a profusão, o excesso... são sinais característicos mais marcantes do corpo grotesco.” E continua dizendo que “no grotesco, o exagero é de um fantástico elevado ao extremo, tocando a monstruosidade.” Bakhtin dedica todo seu livro ao estudo da obra de Rabelais, considerado por ele como um dos maiores escritores europeus, ao lado de Shakespeare e Cervantes. É em Rabelais que Bakhtin encontra as mais exemplares imagens do grotesco: gargalhadas, obscenidades, ditos populares, as festas de praça pública, os banquetes. Praticamente, todas as imagens corporais grotescas figuram em Rabelais, em seu romance satírico *Gargantua e Pantagruel*, que narra a história de dois gigantes horríveis que perambulam pela Europa medieval promovendo os mais fabulosos absurdos corporais.

A presença do monstro na arte é muito antiga. Lendo uma tradução do épico *A Odisséia*, atribuído a Homero, descobri que muitos personagens do poema eram monstros, e que um deles, o gigante *Polifermo*, vivia dentro de uma caverna. O anacronismo desse fenômeno nas artes me permitiu fazer ligações com os mitos antigos, encontrando imagens e narrativas pertinentes ao contexto da minha pesquisa em poéticas visuais. Uma das mais interessantes é a história de *Teseu no labirinto do Minotauro*, monstro com corpo de homem e cabeça de touro, forte e feroz, alimentado com carne humana, era mantido em um labirinto, construído por Dédalo, tão habilmente projetado que era quase impossível sair. Uma bela metáfora, inclusive, para a situação da pintura (e da própria arte em geral), presa a um labirinto de possibilidades e caminhos, mas que tem de se firmar como arte.

A pesquisa teórica possibilitou o encontro com algumas referências da “cultura grotesca nacional”: Exemplo disso, foi o reencontro com *Macunaíma* de Mario de Andrade, obra em que, após recente releitura, pude identificar alguns elementos da estética grotesca dos mais evidentes. A escatologia na cena em que o herói se movimenta em uma gangorra sobre uma feijoada gigante, na qual bóiam partes de corpos humanos é exemplar dessa tendência estética.

2. METODOLOGIA

Até o momento, considero como principal procedimento metodológico a apropriação e coleção de reproduções fotográficas retiradas de livros de arte, revistas de cinema, histórias em quadrinhos, capas de discos e outras mídias de massa. Dessa forma, retiro essas imagens do seu fluxo normal de difusão, alterando seu sentido e conteúdo. Por meio do procedimento de recorte e colagem, opero, dilacero, manipulo ao máximo as imagens, em fotomontagens sobre papel. Essas colagens são os modelos provisórios para as pinturas. Antes

de pintar, há o confronto com a tela, com o espaço da imagem. Sempre me inquieta a simbologia da tela branca, ora um vazio, ora um prenúncio da morte. Quando começo a pintar, vou para dentro da caverna do meu inconsciente e lá tento o encontro com estes seres ocultos, com o *estranho monstro que me habita*. Em meio à penumbra, vou iluminando cromaticamente aos poucos a minha travessia no submundo do inconsciente, fazendo-se presente por meio da linguagem visual.

A citação e a releitura de imagens, também fazem parte dos meus processos operativos para fins poéticos. A apropriação, que segundo o historiador da arte Michael Archer se caracteriza, conceitualmente, como “a cópia que alguns artistas faziam de imagens pré-existent” (appropriation art) é revista aqui, uma vez que não copio as imagens das quais me aproprio, mas sim, imponho uma constante “decupagem” daquelas imagens, em todas as fases do processo de trabalho, analisando as possibilidades de ressignificação de seus conteúdos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A produção poética em questão vai ao encontro de uma vasta iconografia, de imagens que aparecem na poesia, literatura, escultura e pintura, em milênios de história. Além disso, irei aprofundar a análise da presença deste fenômeno, também, no cinema e televisão e como suas imagens se convertem em referências para as artes visuais. Se tomarmos o cinema de horror, por exemplo, temos uma avalanche de cenas violentas, trágicas e, por assim dizer, feias. Na televisão, temos os programas de auditório, com suas humilhações, piadas e rebaixamentos de pessoas e situações e uma espécie de pacto simbólico (culto) com a audiência, o público que aceita sem questionar tal programação. Não almejo organizar ou propor uma história do feio ou do grotesco na arte (já tentada por autores como Umberto Eco), mas, entender suas relações com o fazer artístico, mais acertadamente com os processos imagéticos da arte atual.

A indústria cultural é um bom exemplo para pensarmos quais são as formas que nos revelam ou proporcionam experiências estéticas com imagens. Ainda hoje, quando queremos indicar com alta precisão o que representa, para a civilização ocidental, o máximo valor da beleza, não recorremos às pinturas de Salvador Dalí ou Francis Bacon e sim, às *top models*, mulheres magras e esguias em clima festivo usando roupas íntimas. Ou às propagandas de margarina, nas quais figuram, quase sempre, famílias felizes, compostas de jovens pais e lindas crianças. O que deixa qualquer pensamento crítico sobre o belo e suas variações em uma situação fronteira.

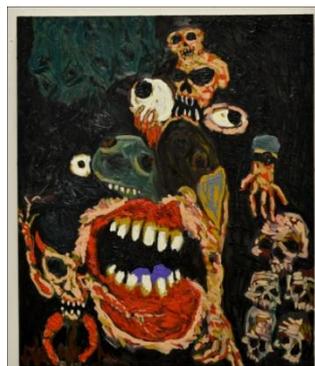


Fig. 1. Rafael Lobo. *Gargantua*. Pintura. 100x150 cm. 2019.

4. CONCLUSÕES

A busca no momento é pelo aprofundamento e o amadurecimento dos estudos teóricos que foram despertados pela produção plástica. O tema do grotesco surgiu como referência estética para o trabalho artístico que se realizava em atelier. Os processos de criação em desenho, fotomontagem e pintura continham em si mesmos as características conceituais e formais do fenômeno em questão. Desse modo, o principal objetivo é a continuidade dessa prática teorizada e orientada, que pressupõe, ao mesmo tempo, o desenvolvimento das séries de trabalhos artísticos e a reflexão sobre eles.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: MAUAD editora, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Hucitec editora da UNB, 1987.

KAYSER, Wolfgang. **Lo Grotesco**. Editorial Nova, Madri, 2000

CALABRESE, Omar. **A idade Neobarroca**. Editora Edições 70, 1999.

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo**. São Paulo, Martins Fontes, 2009.

BULFINCH, Thomas. **A Idade da Fábula**. Editora TecnoPrint, 1965.

SYLVESTER, David. **Sobre Arte Moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

FRAYSE-PEREIRA, João A. **Arte, Dor: inquietudes entre Estética e Psicanálise**. São Paulo: Atelier Editorial, 2005.

KERN, Maria Lúcia Bastos; ZIELINSKY, Mônica; CATTANI, Icleia Borsa. **Espaços do corpo: aspectos das artes visuais no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995